






Adeos!



 Discurso recitado de bordo do
vapor *Alagoas*, no dia 19 de Julho
de 1912, quando eram trasladados
para o mesmo, os restos mortaes do
integerrimo Marechal do Exercito
nacional, Dr. Henrique Augusto
 Eduardo Martins. 

POR

 JULIO PINTO DE ALMEIDA 

Cat. s/ minas



 EDITOR 
J. RENAUD
♦ MANAOS ♦

SEC-39592
-2888-

Adeos !



AmM
1983

Adeos !

Discurso recitado de bordo do
vapor *Alagoas* no dia 19 de Julho
de 1912, quando eram trasladados
para o mesmo, os restos mortaes do
integerrimo Marechal do Exercito
nacional, Dr. Henrique Augusto
Eduardo Martins.

POR

JULIO PINTO DE ALMEIDA



EDITOR
J. RENAUD
MANAOS



HENRIQUE MARTINS

MARECHAL

Nasceu a 7 de Março de 1853 na
cidade do Rio de Janeiro.

Falleceu a 13 de Julho de 1912 na
cidade de Manáos, Amazonas.

O. D. C.

A' Ex.^{ma} familia Eduardo Martins

Não chorem... elle vive, não morreu...
Não 'murcha a planta que o róscio humedeceu,
 Em horas matinaes ;
Su'alma pura, só mudou de vestes...
Que importa aos goivos, aos cyprestes,
 Uma lápida de mais ?

Julio Pinto d'Almeida.

Ao leitor

O discurso do Senhor Julio Pinto d'Almeida, oração proferida em frente a tumba que continha o corpo, envolvido em caixão triplice, do inolvidavel Marechal, Dr. Henrique Augusto Eduardo Martins, fallecido em Manáos, a 13 de Julho do cadente anno, resolvemos publical-o em edição especial, prestando desta fórma um prêmio, não só á memoria do illustre morto, como ao alto valor desta mesma peça oratoria, ante a qual fica-se perplexo em decidir-se de seu merito: se litterario, se expressivo d'uma amisade tão rara nos tempos que correm ou se pelo lado civico; feição esta que nos parece a mais caracteristica, porque é aquella que resumbra, vehementemente, o timbre de seu proprio autor.

O publico que ajuize.

O EDITOR.



EDUARDO, lembra-te, não era assim como eu te chamava outr'ora, quando o albor da juventude nos inundava d'aquelles sonhos de conquista do futuro, lá, naquellas amorosas plagas, onde, juntos, tardeavamos pelo Rocio Grande, então rodeado, em suas quatro faces, de massudos frades de pedra, afincados de espaço a espaço, e acorrentados uns aos outros?

Lembra-te, Eduardo?

Corria a éra de 1867.

Dos campos do Paraguay, de momento a momento, vinham, reboavam,

de quebrada em quebrada, por mares e rios, tangidas pela tuba marcial altisonante, as epopeias gloriosas dos irmãos que cahiam... e nós ambos, implumes, ruflavamos as azas do pensamento, no afan de querermos ser grandes tambem...

Depois, em 70, o Destino nos apartou; ah! muitas vezes, um minuto de affectos intimos, domina uma existencia inteira!

Insondavel Destino, porque, em 1912, nos reuniste outra vez, para, logo após, bruscamente, nos separar de novo e até quando?...

Quantos cyclos já decorridos... e Elle, o Inflexivel, aprouve nos juntar aqui em Manáos, como que para libarmos, em conjuncto, o travo amargoso das illusões combalidas; sim, porque todos os nossos anceios eram pela Pa-

tria republicana, repleta de civismo, cumu-
lada de movimentação operosa, forte,
unida, expoentando os seus pró-homens,
honrando-a, dignificando-a, sem vallos
de intercessão, em toda a sua vasta
periphéria.

.....
Lembras-te, Eduardo, quando hontem,
no confessionario de nossas expansões,
lastimavamos o jugo ferreo dessa herança
maldita que tanto tem entravado o pro-
gredimento de nossa civilização, emer-
gida ao sol de 15 de Novembro?

Ah! a muita luz cegou a tantos,
tantos... e poucos e muito poucos fo-
ram os que, encarando-a, adquiriram
forças estupendas, para o combate contra
os torpes preconceitos enraizados.

.....
.....

Porque nos deixaste, Eduardo, quando a luta ainda está em começo; tu, que possuias a armadura de aço dos civicos e tão proximo estavas a ser chamado a postos pela Patria, porque vae soar a hora em que os bons hão de se conglobar?

Immutavel Destino, tu não és completamente indecifrável!

Morte, tu és sómente um dos elementos de vida!

Vitalidade, tu tens o aspecto de morte!

Se a luz cega, a treva se illumina...

Porque:

Ha só uma Luz;

Ha só uma Vida;

Ha um só Absoluto.

Pois bem: vela por nós todos, Eduardo, lá dos páramos onde estaes; e o Amazonas, a quem vieste trazer o ramo

symbolico da paz, e a Manáos, que
acolheu o teu ultimo suspiro, ah! inter-
cede, faze com que esta porção da Patria
commum, continue, continue a não ser
mais o repasto dos impuros, tu, que
foste o precursor do Accordo do Bem.
Adeos! Adeos!



◆ TYP. DE J. RENAUD ◆

37, Rua Municipal ★ Manáos

1912



AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

